

ed.

04

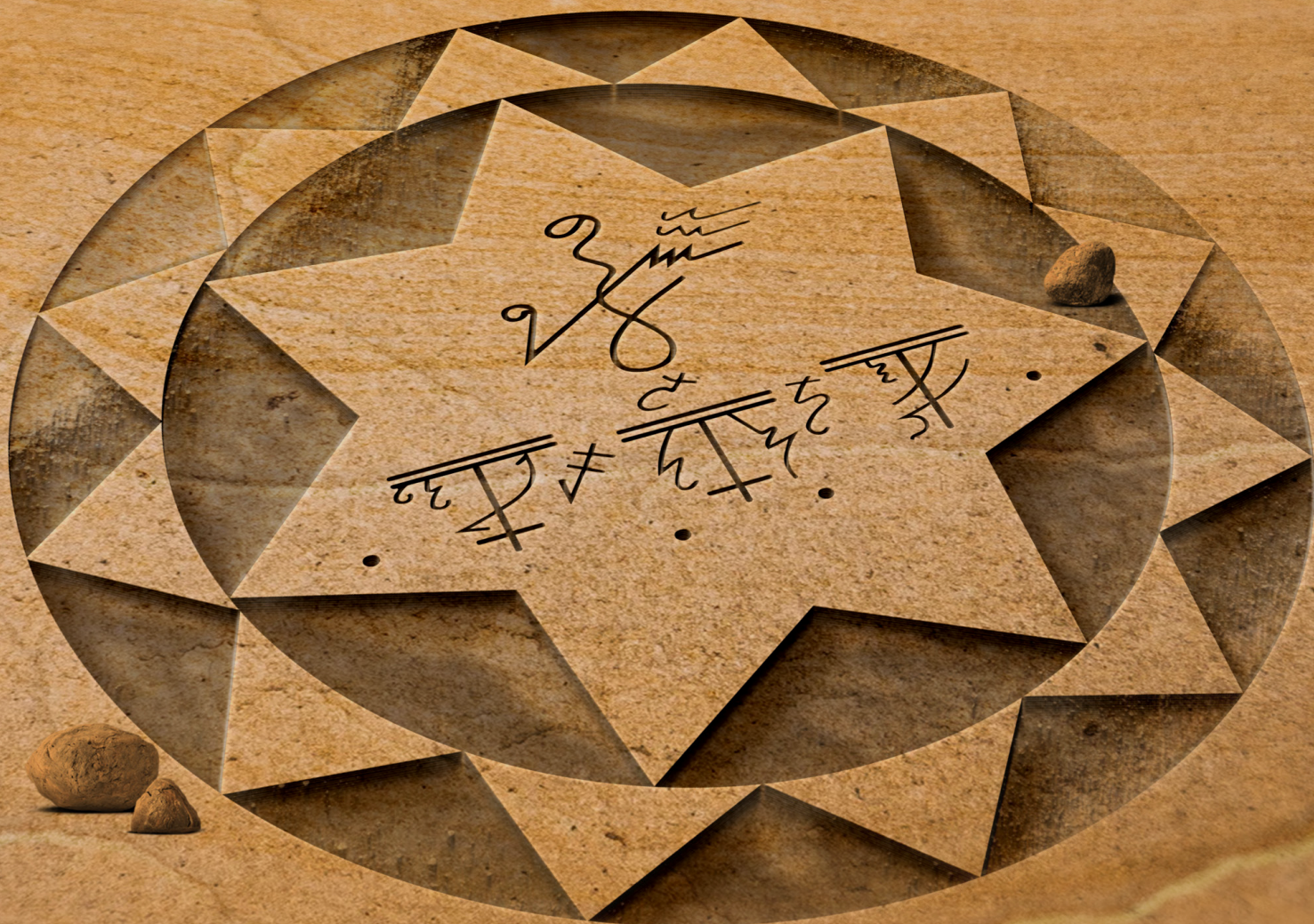
dez/2020

umbandainiciatica.com.br



O.I.T.C.

Ordem Iniciática do Tríplice Caminho
Templo do Caboclo Sete Ondas



O TEMPLO FALA
AO DISCÍPULO - PT.3

A DOCTRINA DO
TRÍPLICE CAMINHO

KABALA E A DOCTRINA
YÂNTRICA

A ERA
AXIAL

SOM E NÚMERO -
UMA INTRODUÇÃO

EQUILÍBRIO
VEGETO-MAGNETICO



UMBANDA INICIÁTICA A Revista

EDITORIA

Direção Geral: Mestre Ygberê
(Olavo Solera).

Supervisão: Mestra Obaocitala
(Jociane Negrão).

Editor: Arapuan (Wilins Siqueira).

Redação: Kaananty (Guilherme Pontes) e
Arapuan (Wilins Siqueira).

Direção de Arte: Ytaocam (Bruno Ciaco).

Coordenação de TI: Yabatsara
(Gustavo Vieira).

Membros da OITC: Mestre Ygberê
(Olavo Solera), Mestra Obaocitala
(Jociane Negrão), Ytaocam (Bruno),
Arapuan (Wilins), Yacileda (Rachel),
Yabiritan (Fabio), Yashinario (Karen),
Kaananty (Guilherme Pontes), Tashinara
(Thiago), Yanaraty (Roberta), Oyanaosi
(Thais), Kaaoni (João Paulo), Obiatan
(Damião), Cyaratan (Cleane), Uaratanan
Neto), Yabataiara (Robson), Yanahash
(Julia), Itamaram (Guilherme Bezerra),
Yaraloni (André), Yamará (Rafael), Ybiatan
(Dalton), Yacyodhara (Eloci), Yabatsara
(Gustavo), Oryanan (Cintia).

Ordem Iniciática do Tríplice Caminho
(OITC) - Templo do Sr. das 7 Ondas
Rua Latif Fakhouri, 298 –
Vila Santa Catarina

CEP 04.367-010. São Paulo – SP
Telefones: +55 (11) 98110-0619
Brasília: +55 (61) 99824-8504



Ygberê (Olavo Solera)

Mestre-Raiz da O.I.T.C
Templo do Sr. das 7 Ondas

O TEMPLO FALA AO DISCÍPULO

Ah o tempo é inexorável como diz meu mestre, já tinha percorrido o ano de 1981 e eu já atendia com o Caboclo 7 Ondas e vinha amadurecendo com a prática e com os ensinamentos que o mestre me passava. Naqueles tempos, procurávamos além de fazer nossos preceitos nos sítios vibratórios da natureza, fazíamos também os dos irmãos de nossa casa e com isso ia apreendendo mais e mais...

Quando iniciei na Umbanda, foi pela insistência de um amigo que queria consultar com uma entidade de Criança e que atendia na casa de uma médium no bairro do Ipiranga. E foi por meio da consulta dele que eu tinha entrado junto, é que eu soube que deveria ir até um terreiro pois minhas coisas espirituais assim o pediam.

Esse amigo que falo chamava-se Marcio Guida e que posteriormente soubemos pelo mestre que ele era acobertado pelo Caboclo das Águas Claras e recebeu dele uma guia com sinais poderosos de uma antiguidade que se perdia nos tempos...

Nosso amigo Marcio, utilizava-se de cadeira de rodas pois era portador de necessidades especiais devido a uma tetraplegia, e isto nunca foi obstáculo para ele realizar seus desejos, pois fomos inúmeras vezes para a mata, a cachoeira e para a encruzilhada, sendo esta última a de maior preferência dele...

Em uma dessas vezes, fui com ele a encruzilhada em Heliópolis que citei no texto anterior, pois nosso mestre me pediu que liberasse algumas coisas negativas que ele (Marcio) tinha pegado inadvertidamente.

Para lá me dirigi com o carro do pai do Marcio, chegando lá deixei-o no

carro e fui para dentro da encruzilhada fazer o trabalho. Como disse na mensagem anterior o mato era alto e chegava a bater na altura de meu peito, iniciei colocando os elementos no chão e quando segurei as velas e acendi, vi que parou um camburão da polícia militar atrás do Maverick amarelo do Marcio.

Desceram vários policiais e se agacharam com as armas em punho e começaram a gritar para o Marcio descer com a mão na cabeça, devido a ele não responder as ordens dos policiais o clima foi ficando tenso e a gritaria se estabeleceu.

Eu no meio da encruza segurando as velas e o Marcio gritando que não podia descer... Os momentos pareciam eternos.

Quando um dos policiais perguntou por que ele estava ali e não podia descer, é que as coisas começaram a se desvanecer, o Marcio gritava que eu estava fazendo um trabalho espiritual e estava no meio do terreno da encruzilhada. Nesse momento todos os policiais olharam para mim e me viram surgir do meio do mato alto com um monte de velas acesas e uma garrafa de “marafo” nas mãos, para minha surpresa os guardas ficaram com uma cara terrível de espanto e logo foram gritando: nos desculpem, nos desculpem, nós respeitamos vocês... E partiram rapidamente.

Quando cheguei no carro brinquei com Marcio lhe dizendo: que se ele descesse, eu que sairia correndo...

E demos boas risadas de tudo aquilo!

-

Mestre Ygberê (Olavo Solera)

**Mestre de Iniciação da OITC –
Templo do Sr. Sete Ondas**

A DOCTRINA DO TRÍPLICE CAMINHO

Por meio da Doutrina do Tríplice Caminho Uno gradativamente é facultado às emanações do Espírito adquirir a consciência de que a crença na relatividade é a doença mãe, a ilusão primeira responsável pela quebra da higidez do Uno e todas as mazelas decorrentes da dualidade (crença em uma identidade única / eu / self em oposição a um suposto outro / não eu), e, conseqüentemente da pluralidade.

O poder volitivo inerente ao espírito permitiu que a “crença” na relativização por si só resultasse na ilusória fragmentação da unidade absoluta em uma unidade relativa (dimensão espiritual ou reino virginal) e em uma pluralidade (dimensão material ou reino natural).

Esta última e mais acentuada ilusão (“visão” distorcida da realidade que é o espírito) é sanada por meio da Doutrina do Tríplice Caminho Uno, a qual permeia a “tudo” e a “todos”, dirigindo e conduzindo o destino das “emanações” do Espírito manifestas em 3 organismos e 7 corpos ao Absoluto. Seus fundamentos doutrinários traduzem o Conjunto das Leis de Deus que “nos” governa, a qual fonetizamos como AumBhanDan, OmBhanDHum, OmBuddha, Umbanda, etc.

Se ao “imergirem” nos “abismos oceânicos” da matéria, as emanações do Espírito constituíram 3 organismos para ganhar “vida” na matéria consubstanciando a crença ilusória em sua persona/personalidade/ individualidade, da mesma forma, ao “ascenderem” do tecido espaço-temporal desconstituirão cada um deles para “morrer” para a matéria (desconstituindo gradativamente a expressão da sua persona



primeiro pela perda do organismo físico, depois pela do astral e, por fim, do mental), e “renascer” em plenitude para o Espírito, a única realidade, a realidade absoluta.

Precisamos despertar do sono profundo a que nos lançamos e aceitar a Verdade: nada mais há além do Absoluto. Quanto mais rápido nos conscientizarmos disso, mais rápido nos autocuraremos.

E o meio de nos libertarmos da ilusão (do único) e nos salvarmos (de nós mesmos) é a Doutrina Tríplice Caminho (Uno), pela qual as “emanações” do Espírito, segundo seu mérito, no uso do “livre” arbítrio que lhes é próprio, se autocurarão das doenças várias que desde a eternidade produziram a partir do desvario consciencial da crença no único (ilusão / veneno) que será superado pelo Uno (realidade / cura).

A Ordem Iniciática do Tríplice Caminho convida todos os irmãos planetários a conhecer esta Medicina de Síntese que

nos é ensinada pelos espíritos dos ancestrais ilustres que são Senhores das Doutrinas Tântrica, Mântrica e Yântrica, verdadeiros representantes da Onisciência, Onipotência e Onipresença divinas em nosso planeta, que adaptando ao nosso grau consciencial com maestria traduzem a Sabedoria, Amor e Ação Cósmicas libertadoras dos quais são detentores.

Vida longa a Mestre Ygbere, discípulo de Yamunisiddha Arhapiagha.

Vida longa a toda a sua linhagem.

Kaananty (Guilherme Pontes)

Discípulo de Mestre Ygbere

OITC – Templo do Sr. Sete Ondas



A ERA AXIAL

Nos dias de hoje eminentes historiadores buscam explicar o grande número de taumaturgos que surgiram em um período de tempo e se perguntam por que e como muitos saberes de locais tão distantes puderam existir ao mesmo tempo. Em um mesmo momento surgiram os filósofos pré-socráticos e os grandes mestres indianos e também Sidarta o Budha.

O que fez com que esses grandes Homens surgissem nesse período de mil anos antes de Cristo e mil anos depois?

Como suas doutrinas era tão semelhantes?

A triplicidade era a forma de explicar o sagrado e nos dias de hoje não é diferente, estamos em via de chegar a esses momentos novamente e precisamos buscar esses caminhos. A Doutrina do Tríplice Caminho tem o objetivo de restaurar o Amor e a Sabedoria e tudo corre muito rápido em direção a esse novo horizonte. Mas vamos entender melhor essa era que

trouxeram esses grandes espíritos e que alguns escritores/historiadores chamaram de:

A Era Axial...

Toda geração talvez acredite ter chegado a um ponto crítico da história, porém nossos problemas parecem particularmente difíceis e nosso futuro se mostra cada vez mais incerto. Muitas de nossas dificuldades mascaram uma crise espiritual mais profunda. Ao longo do século XX, assistimos à erupção de uma violência sem precedentes. Infelizmente, nossa capacidade de nos infligir danos e mutilações tem acompanhado nosso extraordinário progresso econômico e científico.

Parece nos faltar sabedoria para refrear nossa agressividade e mantê-la dentro de limites seguros. A explosão das primeiras bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki revelou a autodestruição e o niilismo existentes no bojo das brilhantes realizações de nossa cultura moderna. Corremos o risco de uma catástrofe ambiental porque já não vemos a terra como sagrada, mas a consideramos um simples “recurso”. Se não houver

uma revolução espiritual à altura de nosso gênio tecnológico, é improvável que salvemos nosso planeta. Uma educação puramente racional não será suficiente. Descobrimos, com pesar, que uma grande universidade pode funcionar perto de um campo de concentração. Auschwitz, Ruanda, Bósnia e a destruição do World Trade Center constituem sinistras demonstrações do que pode acontecer quando perdemos o sentido da sagrada inviolabilidade de cada ser humano.

A religião, que deveria nos ajudar a cultivar esse sentido, com frequência parece refletir a violência e o desespero de nossa época. Praticamente todo dia nos deparamos com exemplos de terrorismo, ódio e intolerância de motivação religiosa.

Um número crescente de pessoas considera irrelevantes e inacreditáveis as doutrinas e práticas religiosas tradicionais e busca nas artes plásticas, na música, na literatura, na dança, no esporte ou nas drogas a experiência transcendente que parece necessária aos seres humanos. Todos ansiamos



por momentos de êxtase, quando vivemos nossa humanidade com uma plenitude maior que a habitual e nos sentimos profundamente tocados por dentro e elevados acima de nós mesmos.

Somos criaturas à cata de sentido e, ao contrário de outros animais, facilmente nos desesperamos, se não conseguimos ver significado e valor em nossas vidas. Alguns procuram novas maneiras de ser religiosos. Desde a década de 1970 vem ocorrendo, em muitos lugares do mundo, um renascimento espiritual, e a devoção militante que muitas vezes chamamos de “fundamentalismo” é apenas uma manifestação de nossa busca pós-moderna de esclarecimento.

Em nossa atual conjuntura, creio que podemos encontrar inspiração no período que o filósofo alemão Karl Jaspers chamou de Era Axial, porque foi decisivo para o desenvolvimento espiritual do gênero humano. Entre aproximadamente 900 e 200 a.C., surgiram, em quatro regiões distintas, as grandes tradições mundiais que continuam alimentando a humanidade: confucionismo e daoísmo

na China, hinduísmo e budismo na Índia, monoteísmo em Israel e racionalismo filosófico na Grécia. Essa foi a época de Buda, Sócrates, Confúcio e Jeremias, dos místicos das Upanishads, de Mêncio e Eurípedes. Nesse período de intensa criatividade, gênios espirituais e filosóficos inauguraram um tipo inteiramente novo de experiência humana. Muitos trabalharam no anonimato, porém outros se tornaram luminares que ainda conseguem nos emocionar, porque nos mostram como uma criatura humana deveria ser. A Era Axial foi um dos períodos mais seminais de mudança intelectual, psicológica, filosófica e religiosa que a história registra; não haveria nada comparável até a Grande Transformação Ocidental, que instituiu nossa modernidade científica e tecnológica.

Mas como os sábios da Era Axial, que viveram em circunstâncias tão diversas, podem falar a nossa atual condição? Por que haveríamos de buscar ajuda em Confúcio ou em Buda? Certamente um estudo desse período distante só pode ser um exercício de arqueologia

espiritual, quando o que precisamos é criar uma fé mais inovadora que reflita as realidades de nosso próprio mundo. Contudo, nunca superamos de fato os achados da Era Axial. Em momentos de crise espiritual e social, homens e mulheres constantemente se voltaram para esse período à procura de orientação. Podem ter dado interpretações distintas às descobertas axiais, porém nunca as ultrapassaram. O judaísmo rabínico, o cristianismo e o islamismo, por exemplo, são rebentos tardios da Era Axial original. Como veremos no último capítulo, essas três tradições redescobriram a visão axial e a traduziram esplendidamente num idioma que falava direto às circunstâncias de seu tempo.

Os profetas, místicos, filósofos e poetas da Era Axial foram tão avançados e expuseram uma visão tão radical que gerações posteriores trataram de diluí-la.

Com isso, muitas vezes produziram exatamente o tipo de religiosidade que os reformadores axiais queriam eliminar. A meu ver, é o que tem acontecido no mundo moderno. Os sábios axiais deixaram uma

importante mensagem para nossa época, porém seus achados serão surpreendentes - até chocantes - para muitos que se julgam religiosos hoje em dia. Com frequência, presume-se, por exemplo, que ter fé é acreditar em certas proposições doutrinárias. Na verdade, é comum chamar as pessoas religiosas de “crentes”, como se acatar os artigos de fé fosse sua principal atividade. No entanto, a maioria dos filósofos axiais não tinha o menor interesse em doutrina ou metafísica. As crenças teológicas de um indivíduo eram totalmente indiferentes para um Buda. Alguns sábios se recusavam com firmeza até a discutir teologia, argumentando que era nocivo e desviava a atenção.

Outros diziam que era imaturo, irrealista e perverso procurar o tipo de certeza absoluta que muita gente espera encontrar na religião.

Todas as tradições que se desenvolveram na Era Axial empurraram as fronteiras da consciência humana e descobriram em seu bojo uma dimensão transcendente, mas não necessariamente a consideraram sobrenatural e, em geral, se recusaram a discuti-la. Precisamente porque a experiência é inefável, a única atitude correta é um reverente silêncio. Por certo os sábios não tentaram impor aos outros sua visão dessa realidade suprema. Muito pelo contrário: acreditavam que, em matéria de fé, ninguém jamais deveria receber qualquer ensinamento. É essencial questionar tudo e testar todo ensinamento religioso empiricamente, através da própria experiência pessoal. De fato, como veremos, a insistência de um profeta ou de um filósofo em doutrinas obrigatórias em geral indica a perda de impulso da Era Axial. Se tivessem perguntado a Buda ou a Confúcio se acreditava em Deus, ele provavelmente teria estremecido e

explicado - com grande delicadeza - que essa não era uma pergunta oportuna. Se tivessem perguntado a Amós ou a Ezequiel se era “monoteísta”, se acreditava num Deus único, ele teria ficado igualmente perplexo. Monoteísmo não era a questão. Há pouquíssimas asserções inequívocas de monoteísmo na Bíblia, mas - curiosamente - a estridência de algumas dessas afirmações doutrinárias contraria o espírito essencial da Era Axial.

O importante não é em que um indivíduo acredita, mas como ele se comporta.

Religião tem a ver com fazer coisas que produzem mudanças profundas no adepto. Antes da Era Axial, o ritual e o sacrifício de animais estavam no centro da busca religiosa. Vivenciava-se o divino em dramas sagrados que, como uma grande experiência teatral da atualidade, conduziam o espectador a outro nível de existência. Os sábios axiais mudaram esse quadro; ainda valorizavam o ritual, porém lhe conferiram um novo significado ético e punham a moralidade no âmago da vida espiritual. A única maneira de encontrar o que chamavam de “Deus”, “Nirvana”, “Brahman” ou “Caminho” era levar uma vida compassiva. Na verdade, religião era compaixão. Hoje em dia, muitas vezes achamos que, antes de adotar um estilo de vida religioso, temos de provar, para nossa própria satisfação, que “Deus”, ou o “Absoluto”, existe. É uma boa prática científica: estabelecer um princípio e só depois aplicá-lo. Mas os sábios axiais diriam que isso equivale a pôr o carro na frente dos bois. Primeiro, é preciso comprometer-se com a vida ética; depois, uma benevolência disciplinada e habitual - não uma convicção metafísica - forneceria indícios da transcendência que se procura.

Isso significa que se tem de estar pronto para mudar. Os sábios

axiais não estavam interessados em dar a seus discípulos um pequeno enaltecimento edificante, após o qual eles poderiam retomar, com renovado vigor, suas vidas de sempre, centradas neles mesmos. Seu objetivo era criar uma espécie inteiramente distinta de ser humano. Todos pregavam uma espiritualidade de empatia e compaixão; insistiam na necessidade de abandonar o egocentrismo e a cobiça, a violência e a rudeza. Errado não era só matar um semelhante; não se devia nem pronunciar uma palavra áspera ou fazer um gesto irritado. Ademais, praticamente todos os sábios axiais entendem que nossa benevolência deve abranger o mundo inteiro, e não se restringir a nossa própria gente. Com efeito, a delimitação de horizontes e afinidades constitui mais uma indicação de que a Era Axial estava chegando ao fim. Cada tradição formulou sua própria versão da Regra de Ouro: não façam aos outros o que não fariam a si mesmo. Para os sábios axiais, religião é o respeito pelos sagrados direitos de todos os seres - e não a crença ortodoxa. Se agíssemos com bondade e generosidade para com o próximo, conseguiríamos salvar o mundo.

Temos de redescobrir o ethos axial. Em nossa aldeia global, não podemos mais nos dar ao luxo de uma visão estreita ou exclusivista. Precisamos aprender a viver e a nos conduzir tendo em mente que indivíduos de países distantes do nosso são tão importantes quanto nós. Os sábios da Era Axial não criaram sua ética da compaixão em circunstâncias idílicas. Essas tradições se desenvolveram em sociedades que, como a nossa, estavam, mais que nunca, despedaçadas pela violência e pela guerra; na verdade, o primeiro catalisador de mudança religiosa geralmente era uma honesta rejeição da agressividade que os

sábios viam a seu redor. Quando se puseram a procurar as causas da violência na psique, os filósofos axiais penetraram em seu mundo interior e passaram a explorar um campo da experiência humana até então desconhecido.

O consenso da Era Axial é um eloqüente testemunho da unanimidade da busca espiritual do gênero humano. Todos os povos axiais descobriram que a ética da compaixão funciona. Todas as grandes tradições surgidas nessa época concordam quanto à suprema importância da caridade e da benevolência, e isso nos diz algo crucial sobre nossa humanidade. Descobrir que nossa fé se harmoniza tão profundamente com outras é uma experiência afirmativa. Sem nos afastar de nossa própria tradição, podemos, portanto, aprender com os outros a aprimorar nossa busca particular da empatia.

Para apreciar as realizações da Era Axial, temos de entender o que houve antes - ou seja, temos de conhecer a religião pré-axial da mais remota antigüidade. Nela encontramos certas características comuns que seriam fundamentais para a Era Axial. A maioria das sociedades acreditava, por exemplo, num Deus Alto, comumente chamado de Deus Céu, por estar associado com o firmamento. Sendo algo inacessível, ele tendia a desvincular-se da consciência religiosa. Alguns diziam que ele “desapareceu”; outros, que fora violentamente deposto por uma geração mais jovem de divindades mais dinâmicas. Os indivíduos em geral sentiam o sagrado como uma presença imanente no mundo que os rodeava e dentro de si mesmos.

Alguns pensavam que deuses, homens, mulheres, animais, plantas e pedras partilhavam a mesma vida divina e estavam sujeitos a uma ordem cósmica responsável por toda a existência. Até os deuses

tinham de obedecer a essa ordem e cooperavam com os homens para preservar as energias divinas do cosmo. Se tais energias não se renovassem, o mundo poderia mergulhar num vazio primordial.

O sacrifício de animais era uma prática religiosa universal na antigüidade.

Uma forma de reciclar as forças esgotadas que mantinham o mundo vivo. Havia uma firme convicção de que vida e morte, criatividade e destruição estavam inextricavelmente interligadas. As pessoas achavam que sobreviviam apenas porque outras criaturas davam a vida por elas, e, assim, reverenciavam a vítima animal por seu auto-sacrifício. Como não podia haver vida sem essa morte, alguns imaginavam que o mundo surgira em função de um sacrifício realizado no começo dos tempos. Outros contavam histórias de um deus criador que matara um dragão - símbolo comum do informe e indiferenciado - para arrancar a ordem do caos.

Quando encenavam esses eventos míticos em sua liturgia, os devotos se sentiam projetados no tempo sagrado. Com freqüência empreendiam um novo projeto, executando um ritual que representava a cosmogonia original para infundir força divina em sua frágil atividade mortal. Nada podia perdurar se não era “animado”, ou provido de “alma”.

A religião antiga dependia do que se denomina filosofia perene, porque está presente, de algum modo, na maioria das culturas pré-modernas. Cada pessoa, cada objeto, cada experiência aqui na terra era uma réplica - uma pálida sombra - de uma realidade existente no mundo divino. O mundo sagrado era, portanto, o protótipo da existência humana, e, por ser mais rico, mais forte e mais duradouro que qualquer coisa da terra, homens e

mulheres queriam desesperadamente participar dele. A filosofia perene ainda é um fator crucial na vida de algumas tribos indígenas. Para os aborígenes australianos, por exemplo, o reino sagrado do Tempo do Sonho é muito mais real que o mundo material. Vislumbres do Tempo do Sonho lhes ocorrem durante o sono ou em visões; o Tempo do Sonho é atemporal e “para sempre”. Constitui um cenário estável para a vida cotidiana, constantemente enfraquecida pela morte, pelas vicissitudes, pela incessante mudança.

Quando vai caçar, o aborígene australiano imita de tal modo o procedimento do Primeiro Caçador que se sente em completa união com ele, integrado a sua realidade mais poderosa. Depois, quando se afasta dessa riqueza primordial, teme que o reino do tempo o absorva e o reduza a nada, juntamente com tudo que ele faz.

Essa era também a experiência dos povos da antigüidade. Só existiam de verdade quando imitavam os deuses em rituais e abandonavam a solitária e frágil individualidade de sua vida secular. Só cumpriam sua humanidade quando deixavam de ser apenas eles mesmos e repetiam os gestos de outros.

Nós, seres humanos, somos profundamente artificiais. Vivemos em luta para aprimorar nossa natureza e aproximar-nos de um ideal. Mesmo hoje em dia, quando abandonamos a filosofia perene, há os que se curvam servilmente aos ditames da moda e até violentam o rosto e o corpo para reproduzir o padrão de beleza vigente. O culto da celebridade mostra que ainda reverenciamos modelos que sintetizam a “super-humanidade”. Há pessoas que se desdobram para ver seus ídolos e sentem uma exaltação extática por estar perto deles. Copiam seu traje e sua conduta. Parece que temos uma



propensão natural para o arquétipo e o paradigmático.

Os sábios axiais chegaram a uma versão mais autêntica dessa espiritualidade e ensinaram a buscar no próprio íntimo o eu ideal e arquétípico.

A Era Axial não é perfeita. Uma de suas maiores falhas é a indiferença pelas mulheres. Quase todas essas espiritualidades se desenvolveram num ambiente urbano, dominado pelo poderio militar e pela atividade mercantil agressiva, em que as mulheres tendiam a perder o status que detinham numa economia mais rural. Não existem sábias axiais, e, mesmo quando recebiam permissão para desempenhar um papel ativo na nova fé, as mulheres costumavam ser postas de lado. Não podemos dizer que os sábios axiais as odiavam; na maior parte

do tempo, eles simplesmente não tomavam conhecimento de sua existência.

Quando falavam sobre o “grande homem”, ou o “homem iluminado”, não se referiam a “homens e mulheres” - apesar de que, se questionados, a maioria talvez admitisse que as mulheres também são capazes dessa liberação.

Descobri que, justamente por ser a questão das mulheres tão irrelevante para a Era Axial, qualquer discussão continuada desse tema acaba sendo maçante. Esse assunto me pareceu incômodo, todas as vezes que tentei abordá-lo. Creio que merece um estudo específico. Os sábios axiais não eram rematados misóginos, como alguns padres da Igreja, por exemplo. Eram homens de sua época e estavam tão preocupados com o

comportamento agressivo de seu próprio sexo que raramente pensavam duas vezes nas mulheres. Não podemos seguir os reformadores axiais com servilidade; na verdade, tal atitude constituiria uma profunda violação ao espírito da Era Axial, segundo o qual esse tipo de conformismo nos aprisiona numa versão inferior e imatura de nós mesmos. O que podemos fazer é estender a todos, inclusive ao sexo feminino, o ideal axial de preocupação universal. Ao tentar recriar a visão axial, temos de levar em conta os melhores achados da modernidade.

Os povos axiais não tiveram uma evolução homogênea. Cada qual se desenvolveu em seu próprio ritmo. Às vezes atinaram com algo realmente digno da Era Axial, porém recuaram. Os indianos sempre estiveram na vanguarda do progresso



axial. Em Israel, profetas, sacerdotes e historiadores se acercaram do ideal esporadicamente, a intervalos, até ser exilados na Babilônia, no século VI, e viver um breve e intenso período de extraordinária criatividade. Na China houve um progresso lento e cumulativo, até Confúcio desenvolver a primeira espiritualidade axial plena, no final do século VI. Quanto aos gregos, desde o início tomaram um rumo totalmente distinto dos outros povos.

Jaspers via na Era Axial uma contemporaneidade maior do que a existente. Achava que Buda, Laozi, Confúcio, Moshi e Zoroastro, por exemplo, eram mais ou menos coetâneos. Estudiosos modernos revisaram essa datação. Agora sabemos que Zoroastro não viveu no século VI, e sim muito antes. É muito difícil datar com precisão

alguns desses movimentos, sobretudo na Índia, onde havia pouco interesse em história e não se fez nenhuma tentativa de manter registros cronológicos precisos. Atualmente a maioria dos indólogos concorda, por exemplo, que Buda nasceu um século depois do que se pensava. E Laozi, o sábio daoísta, não é especulado e é provável que nunca tenhamos certeza sobre ele.

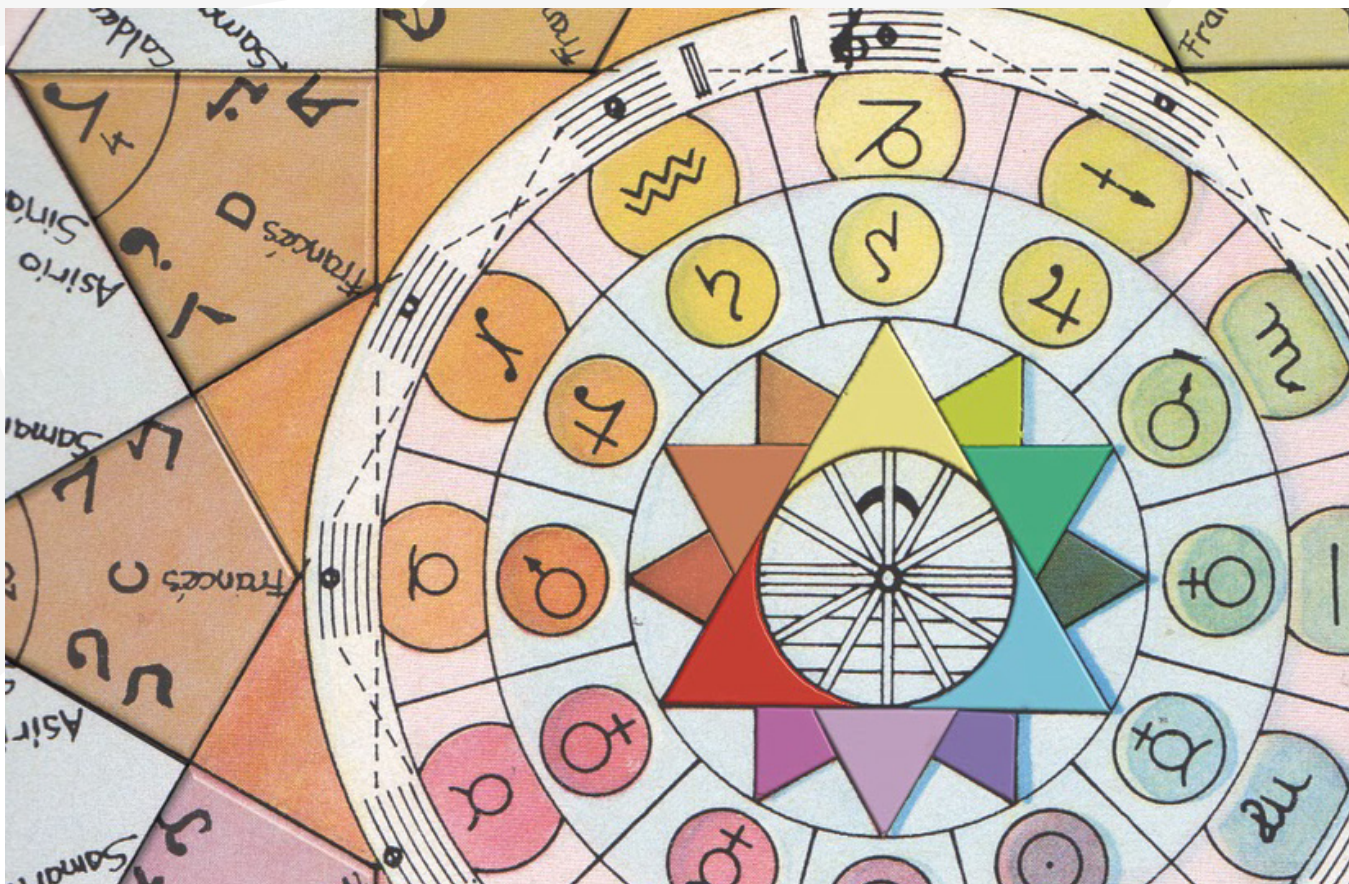
No entanto, apesar dessas dificuldades, o desenvolvimento geral da Era Axial nos fornece alguns dados sobre a evolução espiritual desse importante ideal. Seguiremos esse processo cronologicamente, mapeando o progresso dos quatro povos axiais lado a lado e observando a trajetória da nova visão, que pouco a pouco se arraigou, teve um crescimento e se esvaeceu no final do século III. Mas a história

não acabou aí. Os pioneiros da Era Axial lançaram os alicerces sobre os quais outros puderam construir. Cada geração tentaria adaptar esses achados originais a suas próprias e peculiares circunstâncias, e essa deve ser nossa tarefa hoje em dia.

Karen Armstrong

Mestre Ygbere (Olavo Solera)

**Mestre de Iniciação da OITC
Templo do Sr. Sete Ondas**



KABALA E A DOCTRINA YÂNTRICA – A MOVIMENTAÇÃO CÔSMICA.

No texto anterior “Kabala – Luz, Som e Movimento” falamos da comunhão da Kabala com a Lei do Verbo, seus processos onomatopaicos, ideográficos e mnemônicos, sua relação com o oráculos, e como parte integrante da Doutrina do Tríplice Caminho.

Hoje daremos uma atenção especial a Doutrina Yântrica, para falarmos dos sinais pré-históricos do Brasil, em conexão com o Vattan, o Devanagari e a Lei de Pemba. Um estudo arqueométrico e de síntese da Kabala.

Os sinais rupestres também conhecidos como Itacoatiaras, que

significa em Tupy “Pedra Riscada”, estão presentes em todo o Brasil, de Norte a Sul do país e são classificadas em diferentes classes pelos antropólogos e arqueólogos, como naturalista, esquemática, pictográfica e ideográfica. Dentro dessas classes há sinais rupestres que simbolizam uma percepção visual com ênfase androgônica. Esses sinais representavam alertas ou informações relevantes para o bem de todos da tribo, como animais do habitat para caça, se determinado local, possui água, chuva, luz e mesmo animais perigosos que poderiam colocar em perigo a tribo eram expressos através desse tipo de sinal.

Outros sinais contemplavam a relação do homem com o céu. O antigo homem vermelho necessitou da orientação sobre o tempo-espaço, e para isso utilizou-se das

estrelas e dos planetas. A melhor data de plantio, colheita, os ventos e os pontos cardeais foram observados de alto valor para nossos ancestrais, pois através do Cosmos, houve a percepção que certos fenômenos na natureza mudavam ciclicamente. O Sol que traz a vida para os seres, era chamado de Coaracy pelos vermelhos, a Lua que atribuíam os fluxos e influxos das marés, de Yacy, as estrelas de Yacitatá, e a constelação do Cruzeiro do Sul de Curuça. Tais observações cósmogônicas estão presentes em nossas itacoatiaras, incorporadas na história e nos mitos das tribos para que houvesse a transmissão do conhecimento, um exemplo disso é a Pedra do Ingá e as artes rupestres da Pedra Lavrada na Paraíba copiados pelo engenheiro Francisco Soares

Retumbra, contemplando possíveis constelações, planetas e estrelas, fonte de pesquisas de inúmeros arqueólogos brasileiros e mesmo internacionais.

O homem primevo também utilizava-se de sinais para conceber, se comunicar e idealizar sua interação com o Plano Espiritual, sinais que representavam a própria Divindade que habitava nos céus e na natureza. Em Escrita Pré Histórica do Brasil, autoria de Alfredo Brandão são apresentados 75 sinais que

expressam uma escrita pertencente as civilizações pré-históricas, que em grau superlativo identificam o Poder Divino.

“É dessa escrita primitiva, dessa escrita mater, que vamos encontrar os restos, ainda em sua forma simples e originaria, nos grosseiros riscos dos rochedos do Brasil e na louça de Marajó.

Deste modo compreende-se a confusão que se estabeleceu quando se quis explicar a

origem dos nossos signos; fica demonstrado porque uns julgavam ver caracteres fenícios, outros hebraicos e ainda outros troianos, egípcios etc.

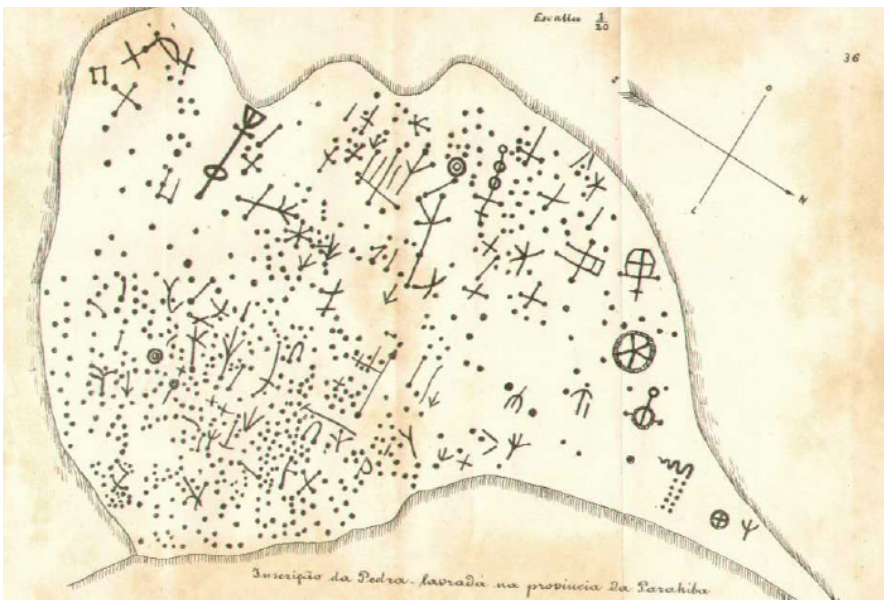
Nenhum dos autores estava com a verdade, porém a verdade estava com todos sob outra forma. A escrita não era nem fenícia, nem hebraica, nem ogâmica, mas continha em germen, em origem, todos os sistemas — era a antepassada, a geradora de todas as outras escritas, e ainda hoje todos os alfabetos conservam alguma coisa de comum.” Escrita Pré Histórica do Brasil, pg 20 - Alfredo Brandão.

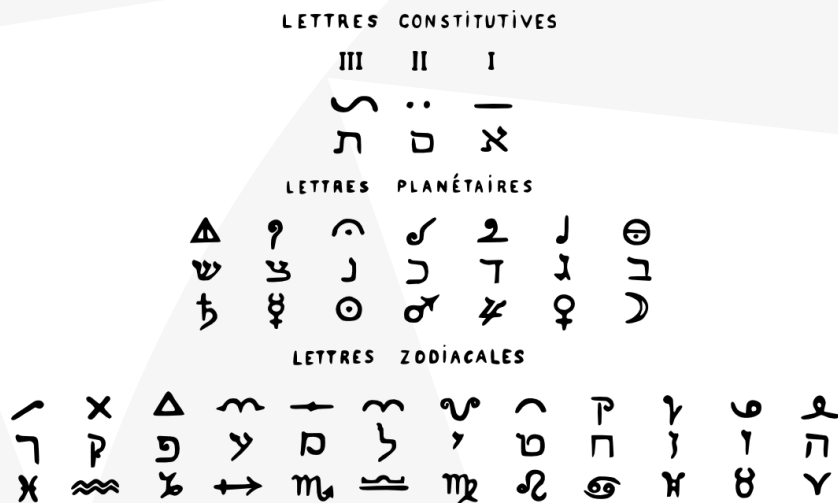


K V ° 0 I L

Ladislau Neto, dissertou que as inscrições encontradas na Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, bem como as de Pouso Alto na Paraíba eram inscrições de origem semítica, informando que os fenícios estiveram no Brasil em suas expedições. Mas tudo nos leva a luz da razão por meio dos estudos da Doutrina Yântrica, que tais caracteres rupestres foram pictografados por nossos ancestrais, e que guardam pontos de contatos arqueométricamente com outras civilizações através das rotas migratórias espirituais de uma antiga tradição cabalística oriunda de nosso Baratzil (Brasil).

O primeiro a fazer essa observação entre os sinais rupestres e a arqueometria foi o Grão Mestre da Umbanda Esotérica, Mestre Yapacani, Wondrow Wilson da Matta e Silva, orientado mediunicamente pelas entidades astrais que o assistiam, que guardam esse saber ligado as antigas escolas de mistérios da humanidade.





“ Como se pode ver, em meticulosa observação e comparação, tudo deriva ou se filia aos Signos pré-históricos do Brasil – uma escrita esotérica e sagrada. Veja-se portanto, que o supradito, como alfabeto adâmico, considerado por outros como o primitivo da humanidade, são sinais já trabalhados, obedecendo a uma articulação silábica, bem particular. Nesse alfabeto adâmico, todos os sinais se assemelham, são idênticos, ou derivam dos Signos Pré-Históricos do Brasil” – Doutrina Secreta da Umbanda, pg. 98 - Mestre Yapacani.

Mestre Yapacani conseguiu observar que os sinais rupestres assim como seus fonemas se harmonizavam arqueométricamente com a Lei do Verbo resgatada através de Saint-Yves D’Alveydre, e que eram expressões ideográficas, onomatopáicas e mnemônicas de uma antiga língua que era o Abanheenga “ A Língua do Homem”, guardando estreita relação com o Vattan, pois remontam a uma mesma origem primeva do homem.

O alfabeto Vattan, também conhecido como alfabeto adâmico, devido o mesmo estar relacionado ao homem primevo, é um alfabeto morfológico trabalhado nas antigas escolas iniciáticas, que chegou

até nós por meio dos Brâmanes, trata-se de um alfabeto que evolui suas formas e encaixa-se autologicamente entorno da Estrela Dodecagramatica, contemplando através de seus sinais a gênese do Universo e a relação do Homem Espiritual com a Divindade. Esse antigo alfabeto serviu de protótipo para o devanagari, “ o Alfabeto dos Deuses Cobras”, desenvolvido na antiga Barat Varsh, o Continente do Verbo Criador, terra sagrada dos mantras, das palavras e dos textos sagrados, a Índia contemporânea.

Saint-Yves d’Alveydre utilizou-se do sânscrito e do védico para compreender o alfabeto Vattan e seus fonemas, pois em minuciosa análise verifica-se que o devanagari deriva-se morfológicamente do Vattan, e como todo alfabeto arqueométrico é a incidência do som divino, Saint-Yves encontrou no sânscrito uma linguagem que transcendia as próprias palavras, pois é uma língua que perdurou no tempo para acesso direto aos planos superiores.

Sri Nandanandana Dasa afirma em “Sânscrito uma introdução a sua história e grandiosidade” “Com a natureza avançada da língua e do alfabeto sânscrito, alguns sentem que, como a fonte tradicional dos

Vedas defende, o sânscrito foi dado à humanidade pela Divindade. Ele não poderia ter-se desenvolvido pelo lento processo de uma agência humana. Afinal, no período de tempo em que o sânscrito apareceu, a humanidade era considerada por alguns como constituída de bárbaros. Todavia, como poderia tal povo, se isso era o que eram, desenvolver uma língua tão refinada como o sânscrito? Para tal língua surgir, teria de vir de uma civilização igualmente refinada e avançada. De outro modo, por que, após milhares de anos de nossa civilização avançada e científica, não vimos uma língua melhor ou mais sofisticada?”

अनच्चा

Os sinais pré-históricos, o Vattan e o Devanagari se relacionam harmonicamente com a Lei de Pemba trazida por intermédio de Mestre Yapacani e Mestre Arhapiagha. A Lei de Pemba não é a expressão simbólica de alfabetos ou mesmo inscrições rupestres, mas assim como a Lei de Pemba (Yantra), expressa em seus sinais o metro sonoro divino (Mantra) e a manifestação de vibrações e luzes espirituais (Tantra), esses alfabetos também guardam essa reflexão divina em seus caracteres, pois trata-se de um movimento emanado do Plano Espiritual para o Plano Material, ciclos e ritmos da Lei Cósmica que se concretizam no plano das formas.

“Este alfabeto sagrado é uma primeira forma a velar a escrita cósmica, que descreve o destino dos seres e a sabedoria cósmica. Está mais próximo da Lei de Pemba ou escrita cósmica. Dissemos que está próximo, mas não é o precursor da Lei de Pemba, ao contrário,

a Lei de Pemba que lhe deu origem, deu-lhe manifestação com real expressão por dentro da magia cósmica ou teurgia. Mas, para fins práticos, podemos associar sinais do alfabeto adâmico, relacioná-lo, aos três princípios do primeiro fundamento da Lei de Pemba.” Exu o Grande Arcano – F. Rivas Neto

Como falado por Mestre Arhapiagha (F. Rivas Neto), esses alfabetos e caracteres velam e se relacionam aos primeiros fundamentos da Escrita Cósmica, são expressões espirituais relacionadas ao Mental Concreto com o objetivo de movimentação de energias: atração, repulsão e fixação das linhas de forças, dentro da magia.

A Escrita Sagrada do Arashas/Orixás, também conhecida como Lei de Pemba, está intrinsecamente ligada a Doutrina Yântrica na Umbanda Iniciática. Onde yantra, vem da raiz etimológica de yan que significa reter, controlar e conter e tra faz referência a instrumento, artefato e veículo, sendo o “ instrumento que serve para reter”. Hieraticamente podemos definir

Yantra como “Instrumento da Manifestação do Poder Divino”.

A Doutrina Yântrica é contemplada pela “Dança Cósmica do Universo”, do dinamismo, da vontade, dos gestos ritualísticos, guardando relações arquetípicas com a fortaleza e a simplicidade dos caboclos. Yantra é o corpo do ritual, é a união com as Potências Cósmicas Espirituais explícitas nos rituais Teúrgicos da antiguidade que expressavam a verdadeira arte, a Ars Magna.

Tantra, Mantra e Yantra são doutrinas Unas, estando entrelaçadas numa contínua espiral envolta ao espírito que caminha na senda da iniciação, é o contínuo movimento da expansão da consciência e da quebra da barreira ilusória da dualidade, bem como o reencontro com a essência através da Luz Criadora, os Arashas/Orixás Ancestrais.

Gostaria de terminar esse texto com um antigo mito da tribo indígena Taulipang, que vai de encontro com nosso pequeno ensaio:

“ Quando o dia começou a avermelhar, uma friagem grande veio e fez dormir toda a gente. Quando o Sol já havia passado do meio do céu. Do outro lado viram aquele moço, o Dono do Fogo e o outro, pintando pedras. Toda a gente não saiu da ilha. Coração deles estava cheio de medo. Aqueles moços, depois de pintar pedras, foram ao mato.”

“ Eles atravessaram para onde estavam soando os instrumentos e quando ali chegaram, disse o Filho do Sol. Calem-se ! Vou ensinar, agora, para vocês os Costumes do Sol e os seus instrumentos.”

“ Depois de contar os novos costumes, ele tirou de dentro de um pacará os enfeites com que hoje se dança, e disse : Esta figura já está ali na pedra. Esta outra é a mesma que está junto dela. Esta e aquela outra...

-
Arapuan (Wilins Siqueira)
Discípulo de Mestre Ygbere
OITC – Templo do Sr. Sete Ondas





O EQUILÍBRIO VEGETO - MAGNÉTICO NA UMBANDA INICIÁTICA

Quando, há 3 anos, o Templo do Caboclo 7 Ondas foi aberto, sob o comando de mestre Ygbere, e sob a vibratória de Pai Moçambique e Caboclo 7 Ondas, eu não poderia imaginar que hoje estaria escrevendo para nossa revista digital. Nosso trabalho foi aos poucos se apresentando e se estruturando, culminando com um site, mídias digitais (facebook, Instagram, YouTube), e nossa revista digital, que está agora no seu quarto exemplar. Eu os convido à leitura deste número.

Esta é a minha introdução a um assunto que me encanta há anos, e que me fez partir do academicismo para o conhecimento tradicional e popular, as Ervas e seu poder de cura na Umbanda Esotérica/Iniciática.

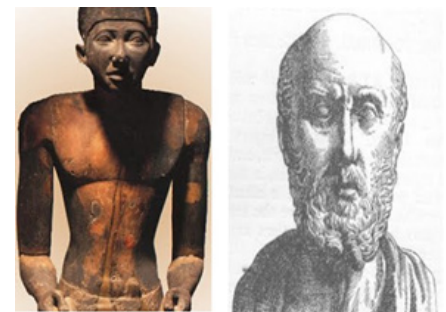
Para introduzir o assunto, não posso deixar de lembrar de minha bisavó Mãe Chica. Essa simples e forte mulher nasceu e viveu no sul de Minas, onde se casou jovem e deu a luz a muitos filhos, vivendo

sempre na zona rural, sob a luta árdua pelo pão de cada dia. De alguma forma, não sei ao certo, ela se tornou a benzeira da região, parteira e curandeira da população. Nos momentos de aflição, recorriam a ela, que usava de seu conhecimento para aliviar o sofrimento de todos. Ela viveu de forma simples, e morreu também assim. Mas, seu nome ecoou até minha geração, quando nasci e me tornei médica. Eu sei que herdei dela sua Coroa, e sinto-me honrada em receber dela esse legado. Que eu consiga combater a dicotomia entre a Ciência e Religião, que eu consiga mostrar que essa luta entre elas é irracional, desnecessária e intransigente. O radicalismo nos distancia, alimenta a violência e marginaliza os diferentes.

Eu não consigo acreditar que para ser uma cientista, tenho que me afastar da fé e da religiosidade. A meu favor, tenho nomes como Copérnico, Newton, Kepler, Descartes, Einstein. Eu sei que o Iluminismo nos tornou céticos, mas ele surgiu apenas no século XVIII. E em nome da racionalidade, apagamos toda a história da Humanidade, como se até aquele momento só tivessem nascido seres incapazes de pensar, criar,

e se superar. Todos sabemos que grandes gênios tornaram possível a permanência da nossa espécie neste planeta, e portanto, algo só poderia estar errado nesse raciocínio pueril e recente.

Com que arrogância a Ciência Moderna desprezou conhecimentos que datam mais de 5500 anos, como o Livro do Imperador Amarelo (Texto de Medicina mais antigo encontrado), ou os manuscritos de Imhotep (que viveu 2500 anos antes de Hipócrates)? Como ignorar todo o conhecimento trazido pelo Vedanta, pelo Taoísmo (Yin/Yang, Teoria do 5 movimentos, Fitoterapia) ou pelo Hinduísmo (Medicina Ayurvédica)?



IMHOTEP

HIPOCRATES



Não consigo deixar de comparar a Ciência Moderna, com sua arrogância e egocentrismo, a um adolescente que, recém saído da infância, ignora os pais e seus conselhos, como se tivesse recebido a iluminação, e de nada precisasse, pois seria já detentor de todo o conhecimento e experiência de que precisasse. Ao ignorar os mais velhos e à sua sabedoria, totalmente sofre as injunções que a vida adulta traz.

Por que a realidade é assim tão envolvente e ilusória?

Por que ignorar a subjetividade, a fé e principalmente a experiência religiosa?

Se nos recusarmos a olhar além do que os olhos enxergam, deixaremos de perceber muito do que há no nosso Universo. Se pensarmos apenas nos vírus, bactérias, átomos e subpartículas, já poderíamos entender o quanto nosso olhar racional é limitado. Se não fossem homens e mulheres corajosos, que teimaram em olhar além, nunca saberíamos da existência e da importância que eles têm, e ainda estaríamos presos à Pré-História.

A experiência religiosa é individual

(profecias, visões, sonhos), e pode ser desencadeada pelo grupo, por meio de rituais (cantos, danças, ritos religiosos, bebidas sagradas). O fato é que temos necessidade de comunhão com o desconhecido, seja ele qual for, e isso transcende ao aspecto de religião, e cada um vai se expressar da forma que mais lhe adequar, ou lhe falar à alma. Por isso, tantas e diferentes religiões em nossa época, porque tantas e diferentes são as necessidades de cada um. O que buscamos ao comungar com o desconhecido é a transcendência. Do homem comum/ordinário, para o homem iluminado/superior.

Portanto, quando coube a mim a escolha, eu optei por ouvir os mais velhos, e a não ignorar a Ancestralidade que carreio em meus genes e principalmente em meu Ori/Coroa/Astral. Eu fui levada muito cedo a pensar a respeito, graças a esses seres iluminados que sempre ampararam minha caminhada. E, enquanto eu crescia em inteligência racional e conhecimento acadêmico, eles me chamavam a olhar outros aspectos da realidade humana. E, ainda pequena (cerca de 10 anos), buscava livros nada



recomendados para minha idade. E foi assim, que de livro em livro, da Renovação Carismática Católica, Espiritismo e Esoterismo, cheguei à Umbanda Esotérica/Iniciática, onde hoje vivencio minha fé e minha religiosidade.

Ao introduzir esse tema, quero primeiro saudar a Oxossi/Ossae e sua Macaia, e peço agô para discorrer sobre esse assunto tão fascinante e misterioso. Saúdo também a Ogun/Obá que com sua Espada, cortou o mau e trouxe o equilíbrio a muitos que acorreram ao nosso terreirinho. Agô aos meus queridos Pretos e Pretas Velhas, mandingueiros de luz, que com Arruda e Guiné fizeram grandes mudanças nas vidas de nossos consulentes. Abençoem meus humildes e despretensiosos propósitos.

~~Por~~ que falar de Ervas? Hoje estamos tão afastados delas, que mal

as conhecemos pelo nome. Muitas delas, nunca ouvimos falar. Mas, se puxarmos pela memória, veremos que elas fizeram, fazem e farão parte de nossa vida.

Quem nunca tomou um chá indicado pela mãe, pela tia ou pela avó, para aliviar cólica, diarreia, cefaleia, ou uma dor qualquer? Quem nunca fez um escalda pés, uma compressa, um emplastro?

Alguns já devem ter tomado uma dose de uma garrafada indicada pela benzedeira local, se tiveram a benção de conhecer alguma e por ela ter sido atendida. Hoje, as garrafadas são menos comuns, ficando restritas às cidades pequenas, no interior do Brasil, onde se escondem as benzedeadas, com suas rezas, chás e defumações. Antes, numerosas e valorizadas, hoje raras. Já não conseguem

mais passar seus conhecimentos ancestrais às novas gerações (informatizadas e digitalizadas).

O cheiro e o gosto das ervas nos acompanham desde pequenos. Elas fazem parte de nossas experiências e ficarão guardadas nos nossos arquivos do subconsciente. E quando precisarmos, lembraremos e as utilizaremos novamente. Assim foi, assim é, e assim será por gerações. Tolos seremos se não buscarmos compreender melhor o poder curativo das plantas.

A palavra curar em inglês heal, vem do inglês arcaico haelan, que não significa apenas curar, mas tornar inteiro. Tornar novamente inteiro (equilibrado) o doente (desequilibrado). E foi esta propriedade que nos fez utilizar as Ervas, por tentativa e erro, no desejo de aliviar a dor e o sofrimento do grupo primitivo. Mas, algumas dessas ervas mostraram-se dotadas de poder muito além do alívio das dores. Elas se mostraram úteis para limpeza espiritual, atraindo ou dissipando energias, fortalecendo o campo áurico, atraindo prosperidade material, fortalecendo a saúde, acalmando, alegrando. E ainda, limpando, purificando e harmonizando os ambientes. E, ainda aguçando a intuição, afinando o mediunismo, e possibilitando o contato com os Planos Superiores.

Enfim, falar de Ervas significa descortinar um mundo de possibilidades.

E espero despertar no leitor o interesse pelo assunto. A cada número novo desta revista digital, iremos juntos aprender mais um pouco sobre elas. Eu convido todos a iniciarmos essa jornada. Sejam bem vindos!

-

Mestra Obaocitala

(Jociane Negrão)

OITC - Templo do Sr. 7 Ondas





SOM E NÚMERO – UMA INTRODUÇÃO

Este artigo não tem a intenção de ser um texto técnico, mas tomamos a liberdade de contar com a paciência do leitor para que alguns conceitos fundamentais possam ser trabalhados. Esperamos que estes conceitos ajudem a formar uma base de entendimento para os artigos futuros desta série.

Apesar da tarefa desafiadora de se expressar conceitos técnicos e teóricos de forma direta e clara, nos esforçaremos para mantermos tais conceitos a um mínimo necessário.

Mais desafiador ainda é relacionar estas informações, de forma coerente e coesa, com os fundamentos da Umbanda Esotérica e Iniciática, de modo a analisarmos a convergência e o movimento dos saberes da ciência acadêmica em direção ao Sagrado.

Quando Mestre Ygberê, nosso pai

de Santé, nos solicitou a composição deste material, ele reforçou a necessidade de tratarmos de assuntos profundos e muitas vezes complexos de maneira simples. Este processo, de transformar a complexidade em simplicidade representa verdadeiro pilar na jornada consciencial de todos neste plano denso da matéria.

E já que trataremos de certos fenômenos físicos da matéria e de suas contrapartes extrafísicas, mas não menos materiais e sim mais sutis, vamos falar sobre o som.

O que é o Som?

O som que ouvimos pode ser classificado como um fenômeno psicoacústico. Em outras palavras, a percepção daquilo que chamamos de “som” ocorre no nosso cérebro e é causada por um estímulo físico, que, no caso, é a onda sonora. Nossa primeira conclusão até aqui é que não há som sem o cérebro.

Se compararmos a audição

humana com a de outros animais, como os cães ou os morcegos, iremos entender este fenômeno de uma forma mais interessante.

Uma das medidas associadas ao som é o Hertz (Hz), que traduz o conceito de ciclos por segundo, que, por sua vez, nos remete à ideia de frequência, ou seja, a quantidade de vezes que determinado fenômeno ocorre durante certo tempo.

Enquanto nós humanos conseguimos perceber ondas de 20Hz (20 ciclos por segundo) até no máximo 20.000Hz – no caso de um jovem com audição perfeita –, a audição canina pode chegar até os 60.000Hz e a dos morcegos chega até 120.000Hz.

O este intervalo, de 20 a 20.000Hz constitui o que conhecemos como espectro sonoro, ou seja, o conjunto de frequências audíveis por nós humanos, que é composto de frequências graves, médias e agudas. Quanto menos ciclos por segundos a onda sonora

apresentar, mais grave o som será. Opostamente, quanto mais ciclos por segundo, mais aguda a onda sonora será.

Quanto mais próximos dos limites deste espectro, mais dificuldade o ouvido humano tem de perceber os sons. Ou seja, quanto mais perto dos 20Hz (muito graves) ou dos 20.000Hz (muito agudos), menos escutamos. Nosso ouvido escuta muito bem as frequências médias, pois os sons da fala humana se situam nesta região do espectro, de aproximadamente 500Hz a 1500Hz.

Acima dos 20.000Hz nosso ouvido simplesmente não consegue captar nada, o que nos faria afirmar que não há som algum acima dessa frequência. Mas já sabemos que os morcegos e os cães reagem a frequências muito superiores a esta.

Um conhecido engenheiro de áudio e professor suíço que atua no Brasil costuma fazer uma pergunta aos seus alunos: “A queda de uma enorme árvore em uma floresta longínqua, isolada de seres humanos

e animais que sejam capazes de ouvir, provoca algum som?”

Antes de prosseguirmos à resposta, devemos nos lembrar que as ondas acústicas podem ser captadas por instrumentos de medição ou equipamentos de áudio, mas a captação de uma onda por dispositivos eletrônicos é um processo diferente da percepção sensorial do som por nós, seres dotados de audição.

A resposta à pergunta acima é não. Então, tecnicamente, há uma diferença entre onda acústica e som.

Como acontece o Som

Basicamente, som é vibração. Esta vibração é gerada por corpos materiais, sob a forma de onda mecânica.

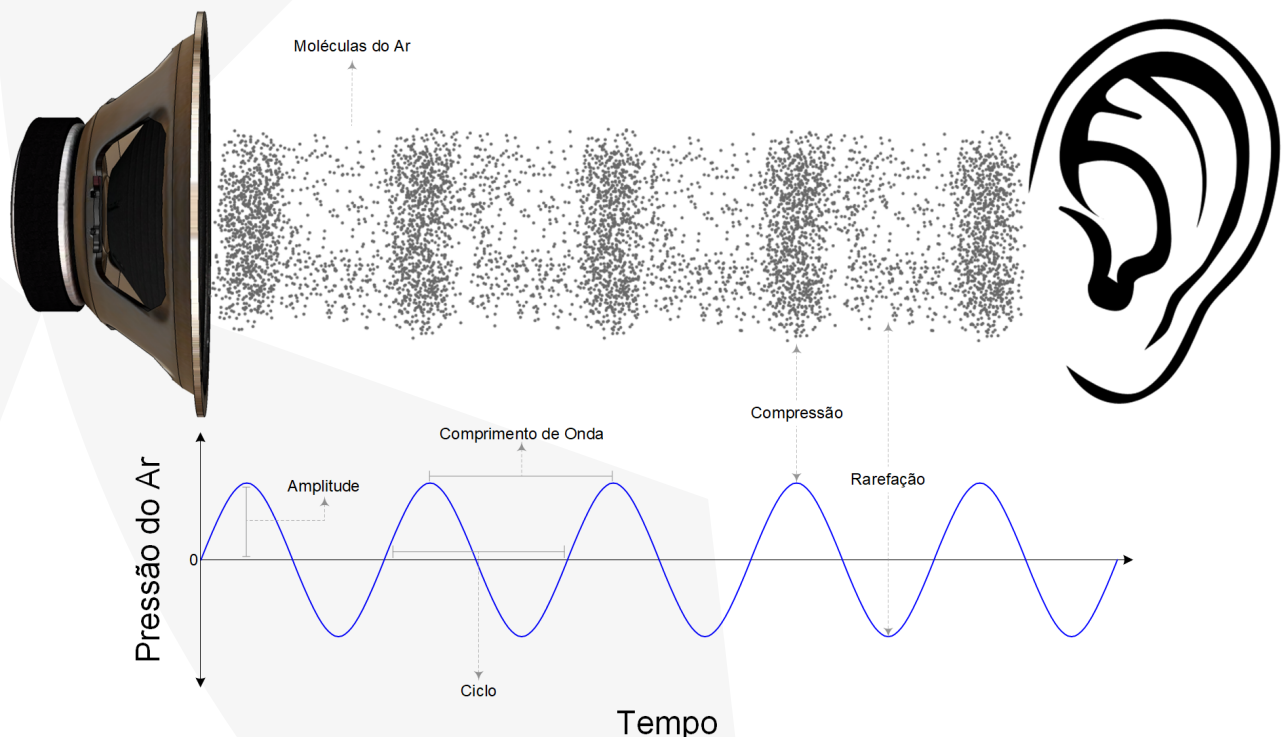
Quando, por exemplo, as cordas de um violão são tocadas, o deslocamento contínuo das mesmas produz vibrações, que percorrem as moléculas do ar até chegarem aos nossos ouvidos.

Portanto, estas vibrações

necessitam de um meio material, seja gasoso, líquido ou sólido, que tenha massa e elasticidade, para se propagar. Esta propagação é feita por meio de compressões e descompressões deste meio material elástico. Por isso, o som não pode existir no vácuo, que é a ausência da matéria.

Para entendermos melhor este fenômeno, vamos usar a analogia das ondas ocasionadas ao jogarmos uma pedra em um lago. As ondas se propagam na superfície da água e vão diminuindo gradativamente, após o impacto da pedra na água. Uma vez terminado o evento que ocasionou as ondas, as águas do lago voltam à posição inicial como se nada tivesse acontecido. Da mesma forma, o som vai perdendo a energia no decorrer do tempo, depois de terminado evento que o gerou.

O som pode se propagar pelo ar, água, madeira, metais, concreto, etc. A facilidade com que o som se transporta em diferentes materiais é relativa à composição destes



e à própria natureza do som em questão. Diferentes frequências se movem mais facilmente ou por mais tempo através de certas substâncias do que outras.

O meio mais comum em que percebemos o som é o ar. Nesse caso, o som é causado por uma quantidade de energia mecânica que gera a

vibração das moléculas do ar. O som então é transportado por estas ondas, que representam variações na pressão do ar, sob forma de compressões e rarefações (ou descompressões).

A velocidade do som no ar varia de acordo com a pressão atmosférica e a temperatura, mas geralmente

utiliza-se a medida de 340 metros por segundo.

Além da Física, a Música

Na música, a altura diz respeito a como as frequências dos sons são percebidas pelo ouvido humano, diferentemente do uso popular do termo que se confunde com volume. Enquanto as baixas frequências são ouvidas como sons graves, as frequências altas são ouvidas como sons agudos.

Em relação à percepção dos sons musicais, a maioria das pessoas percebe as relações entre duas ou mais notas, em vez da frequência absoluta propriamente dita. Ao primeiro tipo de percepção se dá o nome de “ouvido relativo” e ao segundo, “ouvido absoluto”, sendo que é raro encontrar alguém que possua esta percepção absoluta.

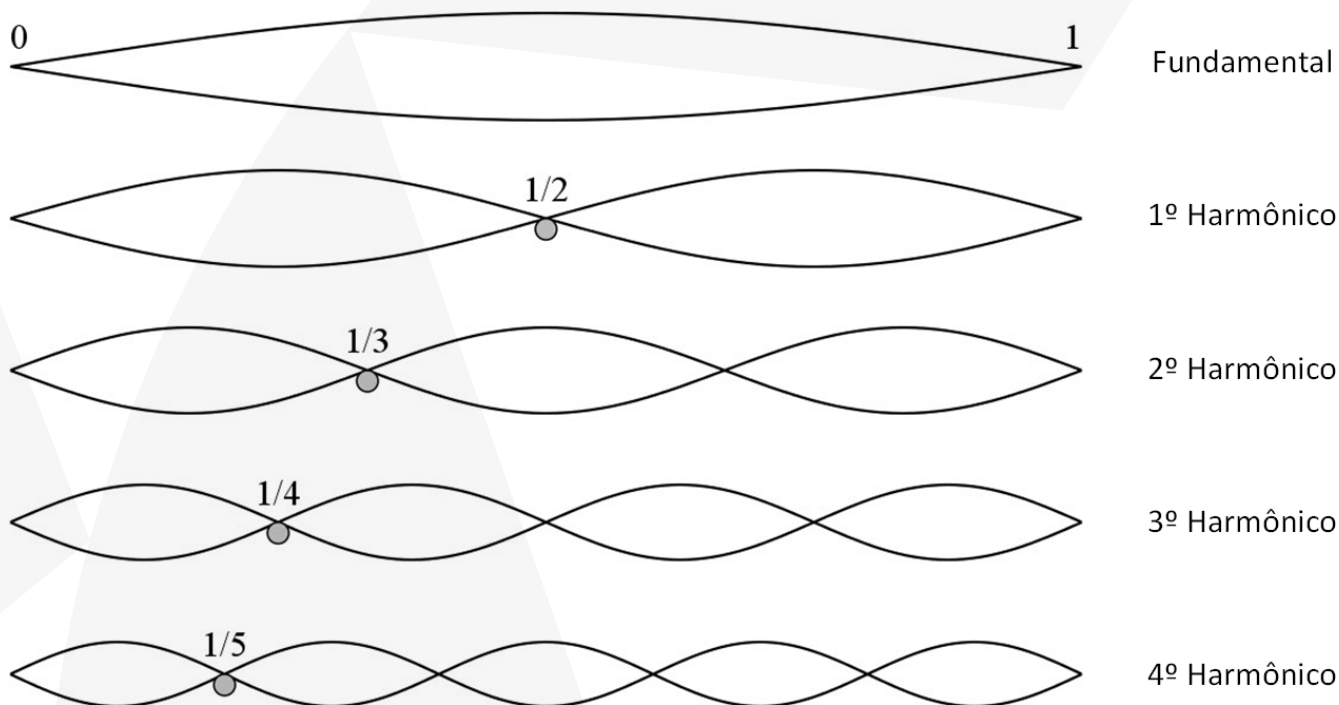
Apesar de a altura estar intimamente relacionada à frequência, na música são utilizados os nomes das notas musicais em vez de suas frequências. Essas notas são dispostas em certa ordem num conjunto ou escala musical.

A escala utilizada como referência para todas as outras é a Escala Diatônica ou Escala Maior. Esta escala possui 7 notas distintas e se tomarmos a nota Dó como a primeira, estas seria sua sequência de notas: Dó – Ré – Mi – Fá – Sol – Lá – Si – Dó (com a última sendo a repetição da primeira).

A distância percebida entre duas notas musicais é chamada de intervalo. No caso da escala acima, distância entre a primeira nota Dó e a nota Dó é chamada de intervalo de oitava, por esta ser a oitava nota a partir da primeira.

As notas que ouvimos dos instrumentos são, na verdade, ondas sonoras complexas, formadas de várias frequências e não somente da frequência fundamental, que define a altura da nota.





A primeira (ou predominante) frequência que ouvimos é chamada frequência fundamental. As frequências adicionais que juntas formam o timbre do instrumento são chamadas de harmônicos.

Os harmônicos são múltiplos inteiros da frequência fundamental. Na prática, isso significa que a fundamental é multiplicada por números inteiros em uma progressão aritmética chamada série harmônica ou espectro harmônico.

O grego Pitágoras (570-495 a.C.), analisando os harmônicos em um instrumento chamado monocórdio, descobriu essa relação de harmônicos como sendo múltiplos inteiros da fundamental. Observe a figura a seguir:

Esta é a representação gráfica dos harmônicos individuais da corda do monocórdio sendo tangida. Partindo da observação desta imagem, podemos deduzir então que quanto maior a frequência, menor o

comprimento da onda.

Todas estas vibrações ocorrem simultaneamente quando tocamos a corda de um instrumento como o monocórdio, o violão, o piano, o violino, etc. Na realidade física, a série harmônica de um som musical é virtualmente infinita!

Geralmente, os harmônicos gerados por um instrumento musical são irregulares. Portanto, alguns dos fatores que definem o timbre de um instrumento são:

- Quais harmônicos estão presentes ou ausentes;
- Quais as amplitudes ou volumes relativos dos harmônicos;
- Qual a proporção destes harmônicos; se os múltiplos pares ou ímpares são mais proeminentes; etc.

Após esta introdução mais teórica, ficaremos por aqui. No próximo artigo da série trataremos de

determinados aspectos sutis do som, sob a ótica da Umbanda Esotérica e Iniciática. Até lá!

-

Yabatsara (Gustavo Vieira)

Discípulo de Mestre Ygbere

OITC– Templo do Sr. Sete Ondas



O.I.T.C.
Templo do Caboclo Sete Ondas
SP - Brasil

Umbanda Iniciática

Cursos:

Fundamentos Herméticos
Arquétipos dos Orixás
Arcanos Maiores do Tarô
Cor, Número, Som e Formas
Mediunidade
Quiromancia
Fitoterapia
Astrologia
Oráculos
Filosofia
Cabala
Magia
Exu

CURSOS 2020/21

Desde o início dos tempos o homem sempre procurou o conhecimento que o guiasse à satisfação e ao preenchimento do Espírito. Com a Umbanda não é diferente. Temos uma série de saberes que vêm se multiplicando e se consolidando ao longo do tempo.

Buscar o aprofundamento no aprendizado dos fundamentos de conceitos teóricos, teológicos e de temas esotéricos diversos relacionados à nossa religião é algo que todos podem fazer. É por meio da assimilação destes conhecimentos que o médium umbandista adquire uma maior compreensão sobre os rituais, liturgias, oferendas e sistemas espirituais que perfazem a tradição da Umbanda e, especificamente, o entendimento de nossa escola da Umbanda Iniciática.

A Ordem Iniciática do Tríplice Caminho – Templo do Sr. Sete Ondas vem trazer ao público uma série de cursos cujos saberes fazem parte da Proto-Síntese Religio-Científica. Nestes cursos serão

abordados temas concernentes à gnose humana, abrangendo a Ciência, Arte, Filosofia e Religião, bem como acerca da Espiritualidade Avançada calcada na síntese desse conhecimento, que nos tira o véu da escuridão e nos proporciona um maior entendimento do Sagrado.

Inicialmente apresentaremos 13 (treze) cursos que falam sobre esses saberes sob a ótica da Umbanda Iniciática e da Doutrina do Tríplice Caminho, a qual permeia e sintetiza todo o conhecimento da Tradição Integral. Os cursos contarão com videoaulas, material apostilado e “lives” periódicas abordando os temas e as dúvidas sobre cada curso. Ao final de cada curso será emitido certificado em nome do participante.

Arapuan - Discípulo de Mestre Ygbere

As turmas dos cursos serão confirmadas e abertas em breve. Caso tenha interesse, por favor preencha o formulário no endereço em nosso site abaixo, que entraremos em contato via e-mail.

WWW.UMBANDAINICIATICA.COM.BR/CURSOS/

SEJA NOSSO PARCEIRO

Prezados irmãos e irmãs! Gostaríamos de poder contar com contribuições de qualquer valor para conseguirmos manter os trabalhos de divulgação da nossa Doutrina e das atividades de nosso Templo. Por favor, ajudem-nos para que nosso trabalho e nossa mensagem cheguem ao maior número de pessoas possível. Agradecemos de coração toda a ajuda recebida.

pix



*Esse é o QR Code para doações via Pix,
de qualquer instituição financeira.*



O.I.T.C.

Ordem Iniciática do Triplice Caminho
Templo do Caboclo Sete Ondas

